

A Dialética do Começo na Ciência da Lógica de Hegel: o Ser-aí (*Dasein*) como Resultado da Dialética Ser-nada-devir

RESUMO

Busca-se analisar o desenvolvimento especulativo do ser que Hegel apresenta em sua exposição da Doutrina do Ser, especificamente seu primeiro momento, a Qualidade. Todas as categorias que constituem o desenvolvimento do ser se realizam por efeito do devir. Aliás, poder-se-ia dizer que toda a filosofia de Hegel é uma filosofia do processo ou do devir. A primeira determinidade do ser como pensamento determinado por seu devir é a qualidade; nela, mediante o princípio dialético contido na contradição entre ser e nada, cada momento do desenvolvimento do ser se nega a si mesmo dentro de si. O movimento dialético conduz da qualidade à quantidade e, logo após, à medida, que é a verdade da qualidade e da quantidade, unidade na qual toda mudança quantitativa indica simultaneamente uma mudança qualitativa. Assim, nossa proposta é expor a categoria Ser-aí (*Dasein*) como resultado do processo efetivado na Doutrina do Ser, que determina pelo método dialético seu significado exato e o seu encadeamento necessário, sendo uma verdadeira determinação progressiva do ser-em-si, ou seja, do começo da ciência.

Palavras-chave: *Dasein*; Hegel; Ciência da Lógica.

ABSTRACT

We will try to analyze the speculative development of being which is presented by Hegel in his exposition of the Doctrine of Being, specifically its first moment, Quality. All categories that constitute the development of being take place as an upshot of becoming, besides one could say that all philosophy as propounded by Hegel is a philosophy from process or from becoming. The first determining point of being, on its role of thought determined by its becoming, is quality; within which, as ruled by the dialectic principle found in the conflict between being and nothing, each moment from this development of being denies itself within itself. Dialectical movement leads from quality to quantity, and, afterwards, to measure, which is the trueness of quality and quantity, a unit within which all quantitative change indicates at the same time a qualitative change. Therefore, our proposal is to expound the category Determinate Being (*Dasein*) as an upshot from the process that was developed from the Doctrine of Being which by using the dialectical method directs its exact meaning and necessary bindings by means of which it grows into a true progressive determination of the being-in-itself, namely, the beginning of science.

Key words: *Dasein*; Hegel; Science of Logic.

* Mestre em Filosofia e doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FACED/UFC e bolsista da FUNCAP.

Considerações Iniciais

A recusa hegeliana a todo Absoluto, intuído ou posto irrefletidamente, exigiu a elaboração de um sistema filosófico inteligível e discursivo do princípio ao fim. A idéia daí decorrente é que a possibilidade de inteligibilidade deste Absoluto é correlata à possibilidade de sua exposição. Ou seja, o Absoluto precisa produzir seus próprios conteúdos, exteriorizando-se e, ao mesmo tempo, reconhecendo em si sua identidade, provando a necessidade de um sistema que tenha por base um projeto de uma ciência da lógica fundadora da própria ciência em si mesma. Assim, o desenvolver de um princípio primeiro-último especulativo, na filosofia hegeliana, marca o papel inequívoco de mediador, no sentido de liberar o sistema de métodos e propostas exteriores e contingentes que ainda o condicionam. O resultado disso é que, na **Ciência da Lógica**, a pressuposição de um começo imediato e vazio do sistema científico-filosófico das categorias do Absoluto e o discurso metodológico pelo qual este se expõe precisam ser descritos e explicados, devido justamente ao caráter incondicional do pensamento puro, no qual se estruturam tais bases para o sistema em questão.

Eis a tarefa, aparentemente irrecusável da filosofia, de buscar a união entre ser e pensar dentro de um sistema que seja capaz de se autofundar e justificar, doando bases sólidas não somente para si, mas para toda e qualquer ciência, o que o faz ser considerado como verdadeira doutrina da ciência, capaz de estabelecer os pressupostos básicos de todo e qualquer saber, que se queira dizer válido. Em Hegel tal

feito é realizável tão somente em bases de um método dialético, fruto da própria natureza de começo que traz imanente em si o elemento da contradição, da negação determinada, capaz de promover o autodesenvolvimento de um saber dito absoluto.

Nosso intuito é trabalhar especificamente a Qualidade na Doutrina do Ser, através da qual Hegel se propõe a estruturar esse ser, apresentando-o em pleno desenvolver lógico e efetivando a idéia de que o ser é o que se faz a si mesmo. Para tal, realizaremos um pequeno excursus sobre o momento do *ser-aí*, a fim de dar uma visão geral desse primeiro estágio da Lógica.

A Qualidade como Primeira Determinação do Ser

Em sendo a primeira determinação do ser, a qualidade pode ser expressa nos seguintes termos: é a determinidade e, como tal, idêntica ao ser, de modo que uma coisa deixa de ser o que é quando perde sua qualidade, ou seja, a determinidade. Separada em si mesma, como determinidade essente, a qualidade é algo totalmente simples e imediato. Qualidade é ser algo. O ser é o primeiro que se estuda - o absoluto imediato e universal. Já o algo, somente surge quando se limita ao ser mediante uma determinidade ou qualidade: a de ser azul e não de outra cor, a de ser uma casa e não outra coisa, a de ser presidente e não ter outro posto etc, quer dizer, mediante uma limitação qualitativa. Porém, é de se notar que a proposta hegeliana de começar pela qualidade contrasta com a apresentação das categorias em Kant (2001, p. 136-137)¹ que começava pela quantidade.²

¹ Hegel não só trabalha com o quadro de categorias descritas por Kant, como amplia esse quadro – em Hegel as categorias são mais de sessenta – propondo que essas categorias sejam concebidas como dedutíveis umas das outras e reduzíveis umas as outras, graças ao método dialético.

² Sobre a tábua das categorias de Kant diz Höffe: “Desde os começos do debate em torno de Kant, é criticada a tábua dos juízos como princípio de dedução metafísica. A tábua das categorias é considerada como não fundamentada realmente, segundo a objeção especulativa de Fichte e de Hegel, ou como dependente da situação histórica da lógica ou até da estrutura do idioma de Kant, ou ao menos do tipo lingüístico, o indo-germânico, ao qual pertence o alemão. Kant propõe de fato uma tábua de juízos que ele explica, mas não fundamenta detalhadamente, e extrai, em princípio, da lógica formal de sua época.” (HÖFFE, 2005, p. 89-90). O que é assim esclarecido por Hegel: “normalmente a determinação da quantidade é apresentada antes da qualidade, e isto – como na maioria dos casos – sem maior fundamento. Já foi mostrado que o começo se realiza com o ser enquanto tal, por conseguinte, com o ser qualitativo. A partir da comparação da qualidade com a quantidade se evidencia facilmente que aquela, segundo a natureza é a primeira. Pois a quantidade é a qualidade que já se tornou negativa; a grandeza é a determinidade que não é mais idêntica ao ser, mas [que é] já diferente dele, a qualidade tornada indiferente e superada. Ela engloba a mutabilidade do ser sem que a coisa mesma, o ser, do qual ela é determinação, seja mudada por ela; [isto] porque a determinidade qualitativa, por sua vez, é idêntica ao ser, [ou seja], não o ultrapassa, se encontra ainda no interior do mesmo, mas é seu caráter limitativo imediato. A Qualidade é, por isto, enquanto determinidade imediata, a primeira e com ela deve se dar o começo.” (HEGEL, 1993, p. 102).

Dessa forma, esse primeiro momento, o da qualidade, é constituído pelas subcategorias de ser-em-si, ser-aí e ser-para-si, sendo a qualidade a unidade desses três momentos, ela é o que determina o caráter de uma dada realidade como distinta radicalmente de outra. Assim, sigamos o percurso hegeliano, com a pretensão de nele apreender como se dá o desenvolvimento dialético-especulativo do conceito de ser nesse momento do processo.

Ao evidenciarmos a dialética do começo, da qual deriva o conceito de ser-aí, temos que do devir - na passagem ou trânsito que há entre ser e nada, que estão numa relação de nascer/morrer constante - emerge um *Daseiendes*, ou seja, um algo que possui caráter determinado em virtude de um contraste com outros algos dotados de caráter diferente (INWOOD, 1997, p. 128). E é da oposição do algo com outros algos, no ser-aí, que se encontra a qualidade: "Hegel afirma então que a qualidade do ser (o que o determina, o define intrinsecamente) é a de não estar jamais fixo de uma vez por todas, mas sempre em devir, em passagem". (TIMMERMANS, 2005, p. 49).

A qualidade, no ser-aí, faz com que algo surja frente a um outro, faz com que surja o conceito de realidade. Esse conceito é o expressar do momento do negativo que o ser-aí traz em si, algo é alguma coisa e não outra – não é mais somente algo imediato, mas algo que sofre mediação de um outro. O algo não pode ser pensado sem sua relação a outro, tornando-se, então, ser-para-outro. O algo passa a ser o essente-em-si e o ser-para-outro; o outro é como um tipo de extensão do ser-aí, do algo. Segundo Timmermans, o

[...] ser-aí depende fundamentalmente dos contornos ou das limitações que o

outro me determina do exterior. Hegel dá um nome bem preciso a essa forma particular de ser-aí percebida ou definida a partir do exterior: ele a chama ser-para-um-outro (*Sein-für-Anderes*). (TIMMERMANS, 2005, p. 21).

Por isso, algo, ao se afirmar, estabelece uma diferença, uma negação a outro, ainda que esta se dê numa relação interna. É justamente esse se colocar frente a outro que dá origem ao que Hegel denominou primariamente de realidade.³ A realidade é, é a verdade, mas a verdade essencialmente racional; e a razão não é esquema ou dever ser,⁴ ela é o que é real, o que é concretamente existente, por isso a realidade é a qualidade, mas como determinidade essente, em contraposição à negação – que está nela contida, mas que é diferente dela; assim a realidade é qualidade, ser-aí – portanto, implica também o momento do negativo e só por meio dele se determina. Pela realidade conclui-se que a negação é também ser-aí, é algo, sendo uma forma do ser da qualidade, embora de início seja tida como um diferente dele, um ser-outro dele, marcando assim o caráter de ser-para-outro que o algo possui como sendo uma extensão propriamente sua.

A passagem a outro é, por conseguinte, efetivamente uma determinação intrínseca do algo; como o ser puro altera-se imediatamente em nada, o puro algo devém imediatamente o outro puro ou absoluto. A verdade está, por conseguinte, nem no algo, nem no outro, mas na passagem mesma: o algo é determinado essencialmente conforme o ser outro, outro absolutamente, consequentemente outro que ele. (NÖEL, 1933, p. 27).

³ "Realität, em Hegel, tem dois sentidos. O primeiro, correspondente ao habitual contraste com *ideal*, está associado a *Dasein* e próximo de 'qualidade', exceto que contrasta com 'negação', embora, como qualidade, envolva essencialmente negação. Nesse sentido, argumenta Hegel, podemos falar da realidade, ou realização de um plano ou intenção, do corpo como realidade da alma, do direito como realidade da liberdade, e do mundo como a realidade do conceito divino. (*Realität* está, nesse caso, próximo do ser-aí, do *Dasein*). No segundo sentido, *Realität* tem caráter de avaliação, como em 'um filósofo real'; nesse caso, não é equivalente a *Dasein* e não contrasta com *ideal*; indica a 'concordância do Algo, do *Daseiendes* com seu conceito', e está próximo do que se entende por 'efetividade' (Enc. I, §91A)". (INWOOD, 1997, p. 129). *Wirklichkeit*: "A efetividade é a unidade, que veio-a-ser imediatamente, da essência e da existência, ou do interior e do exterior." O que no glossário contido na edição de Ripalda da **Filosofia Real** é apontado como o termo que possui um sentido dinâmico e existente, frente a formalidade e abstração de *Realität*: "A qualidade, enquanto determinidade essente, em contraposição à negação – nela contida mas diferente dela (Enc. I, §91)". (HEGEL, 1984, p. 441).

⁴ O que vai de encontro à proposta hegeliana, já que "Hegel associa o dever ser às noções de Limite, Restrição e Finitude: uma restrição é essencialmente algo que deve ser superado e, inversamente, se algo deve ser o caso, isso implica uma restrição ou obstáculo que precisa ser superado. Assim, o dever ser é, para Hegel, não só um dever moral, mas é uma característica de qualquer regressão infinita". (INWOOD, 1997, p. 98).

A Esfera da Finitude como Determinante da Qualidade: o Ser-aí

O algo, portanto, configura-se como a fusão de ser e determinidade, ou seja, de ser e negação, configura-se como outro de um outro, o ser que atrai e repele ao mesmo tempo. O algo é fronteira, é limite, é confim e é somente em, e por seu limite, que o algo é o que é. Esse outro com que o algo se defronta, como já aludido, é ainda seu próprio momento, pois ele é também um algo que reconhece noutra algo um seu outro. O algo traz em si um limite qualitativo que lhe confere finitude e mutabilidade, pois como a qualidade se dá no campo do finito, da natureza, e nunca no campo do espírito (HEGEL, 1995a, p. 186-187), já é pressuposto que o algo está submetido à alteração e é essa mutabilidade e finitude que o ser-aí traz em si que constitui seu conceito.

É no limite, que constitui para o algo sua própria qualidade ou determinidade, que surge o impulso ou dever de ir mais além e realizar a própria determinação sem limitação alguma. Porém, nesse intento de ir mais além da finitude continua-se no dever-ser, sempre se esbarra com o limite. Por conseguinte, essa não pode ser a última palavra da realidade. Nem tampouco podemos pensar, segundo Hegel, que isso possa ser o limite do pensar, pois a razão e o pensar alcançam o universal e vão mais além de qualquer limite. O dever-ser é um intento falido de ir mais além do limite, porque torna a encontrar de novo, sempre, com o limite, dado que limite e dever-ser se implicam mutuamente.

O finito é uma contradição em si, sendo sua natureza o superar dialético dessa contradição. Para Hegel toda realidade finita tende a se converter numa infinitude, justamente porque o finito em si mesmo não é e, como não-ser é redutível ao ser (BORNHEIN, 1983, p. 63). Sendo negação de si, ele anseia pela solução dessa contradição, pela negação dessa negação e isso nos deve levar a um ser afirmativo, ao outro do finito, ao infinito. É esse se alterar constante

do algo que o faz cair no que Hegel denominou má ou negativa infinitude. O problema desse tipo de infinitude é que ela não mantém qualquer tipo de relação com a finitude; diferente do verdadeiro infinito que só é verdadeiro porque se relaciona com os finitos, e estes com ele. Tal erro, para Hegel, foi tido por filósofos como Espinosa e Leibniz, que negaram o finito para afirmar o infinito. O que Hegel propõe é o suprassumir do finito pelo infinito, mas a má infinitude exprime apenas o dever-ser do suprassumir do finito, quando, na verdade, o verdadeiro infinito consiste em um processo de estar junto de si mesmo por meio desse outro (o finito), em outras palavras, chegar a si mesmo por meio do finito.

Hegel critica a visão dualista que tende a querer separar totalmente o finito do infinito, como se fossem dois pólos: um do lado de cá e aquém (finito) e outro do lado de lá e além (infinito), o que acaba por estabelecer duas coisas autônomas por si mesmas e que estabelecem limites uma a outra. Ora, isso gera um problema que descaracteriza a ambos, pois não se pode conceber um infinito particular que seja limitado por um outro particular, no caso o finito, que acaba tendo a mesma dignidade de consistência e autonomia que o infinito, isto é, o absurdo,⁵ pois como afirma Oliveira,

[...] a relação entre as duas categorias [finito e infinito] não é simétrica, uma vez que o infinito abarca o finito, e para Hegel essa unidade de finito e infinito já é sempre pressuposta mesmo quando negada, o que faz com que a autonomia do finito seja ilusória. (OLIVEIRA, 2002, p. 218).

O finito não é em si e para si, pois ele é o transitório e não o absoluto; e o infinito não é algo finito, ou seja, que tenha um limite. A saída de Hegel para se pensar a finitude e a infinitude verdadeira é a de que a primeira seja momento da segunda, momento que nela foi suprassumido, não como algo que deve ser, mas como algo que se efetiva. O finito e seu outro, o

⁵ O que Hegel já exprimiu em um artigo publicado no *Jornal Crítico de Filosofia*, editado juntamente com Schelling, sob o título *Como o Senso Comum Compreende a Filosofia*, onde escreve: "Essa contradição é justamente a que o senso comum sempre encontrará na filosofia; o senso comum põe o Absoluto exatamente no mesmo nível que o finito e estende ao Absoluto as exigências formuladas para o finito." (HEGEL, 1995b, p. 51).

infinito, são momentos de um processo: o infinito verdadeiro inclui em si a ambos, assim como o devir compreende em si ser e nada. Assim esses dois momentos, o finito e o infinito, nas palavras de Hegel, constituem um movimento de retorno a si por meio de sua própria negação, por meio da mediação que é a negação da negação:

O infinito tem o duplo sentido de ser *um* daqueles dois momentos – e assim ele é o mal-infinito –, e de ser o infinito no qual aqueles dois, ele próprio e seu outro, são apenas momentos. Como, portanto, o infinito está de fato presente, reside no fato dele ser o processo no qual ele se reduz a ser apenas uma de suas determinações frente ao finito, e, com isto, dele próprio ser apenas um dos finitos e supracompreender esta sua diferença em relação a si mesma até a afirmação de si e, ser através desta mediação como *infinito verdadeiro*... Este infinito enquanto ser-que-retornou-a-si, relação de si consigo mesmo, é ser, porém, não ser abstrato e carente de determinação, pois ele está posto como negando a negação, ele é com isto, também, ser-aí, pois ele contém a negação em geral, conseqüentemente a determinidade. Ele é e está aí presente, atual. (HEGEL, 1993, p. 189-190).

Pois a razão especulativa compreende que finito e infinito são inseparáveis, que a finitude é em si mesma um ir mais além de si. O infinito é imanente à razão por esta ser incitada pela negatividade e a contradição de seu próprio ser e que a verdade é esse processo, no qual ambos, o finito e o infinito, são momentos. O verdadeiro infinito é o infinito da razão, que não é como uma reta que prossegue sem fim, mas como um processo circular que encontra a si mesmo no outro, ou seja, o verdadeiro infinito traz as marcas do próprio processo dialético. Hegel terá essa determinação como a verdadeira infinitude, pois algo, em seu passar para outro, só vem a se juntar consigo mesmo e, as-

sim, como ocorre com a negação, a alteração somente se encontra no finito, pois é ele que é o outro; já o infinito se configura como o outro do outro, restaurando-se como negação da negação, como afirmativo, ou seja, o ser que se restabeleceu a partir da limitação. Nas palavras de Lardic (1995, p. 88):

“É preciso que a negação seja a do infinito por si mesmo, para que este último não seja reduzido a um outro que não ele, é preciso que a identidade seja a da identidade e da diferença.”

Esse infinito que tudo compreende é propriamente a categoria de realidade (*Realität*), já não como categoria do finito, senão da razão especulativa. Só nele alcança o finito sua realidade, pois tomado independentemente é meramente ideal. Esse conceito de verdadeiro infinito é o conceito básico, ou a condição de toda filosofia, já que, segundo Hegel, toda filosofia é essencialmente um idealismo.⁶

O verdadeiro infinito se apresenta primeiramente como ser-para-si ou uno, ou seja, o ser que define seus próprios limites e determina suas próprias propriedades. Ele é auto-determinado, o ser contido em si mesmo. É no ser-por-si-mesmo que a independência do ser é assegurada como totalmente justificada, pois ele é auto-suficiente, o contido em si mesmo. Há aqui uma transição que marca o fechar de mais um dos ciclos dialéticos, um retorno ao ser, expresso assim por Hegel:

Enquanto superar da finitude, ou seja, da finitude enquanto tal e igualmente da infinitude apenas negativa e que apenas se lhe defronta, é este retorno dentro de si, relação consigo mesmo, ser. Dado que neste ser há negação, ele é *Dasein*; porém, dado que ela, além disso, é essencialmente negação da negação que se relaciona consigo, ela é o *Dasein* que é denominado ser-para-si. (*Fursichsein*). (HEGEL, 1993, p. 192).

⁶ Na determinação de *idealidade*, Hegel expressa aquilo que funda a diferença entre o finito e o verdadeiro infinito, possibilitando-o: “a proposição de que o finito é ideal, constitui o idealismo”, que consiste basicamente em não reconhecer o finito como um verdadeiro existente. A idealidade é a negação que se encontra como a *verdade* do finito, ou seja, faz parte da natureza do finito o seu transitar para o infinito, já que este se encontra no *infinito verdadeiro*, quer dizer, como uma determinação, um conteúdo. Assim como o ser-aí foi caracterizado pelo momento da realidade, o ser-para-si será caracterizado pela idealidade, ainda que a razão especulativa não faça distinção entre real e ideal, tendo ambos como uma unidade, “A idealidade não é algo que haja fora e ao lado da realidade, mas o conceito de idealidade consiste expressamente em ser a verdade da realidade, isto é, que a realidade, posta como é em si, mostra-se ela mesma como idealidade.” (HEGEL, 1993, p. 197; HEGEL, 1995a, p. 193-194).

Considerações Finais

Vê-se aqui uma mediação, ou a forma, o modelo, como ocorre a mediação, já que nesse momento não ocorre nenhum tipo de determinação, relação, ou mediação de fato, já que o ser está em relação tão-somente consigo. A dialética do ser e do nada tem como resultado aquilo que Hegel chamará de ser-aí (*Dasein*): “Para o ser que é mediado, vamos conservar a expressão ser-aí” (HEGEL, 1993, p. 119). O *Dasein* pode ser tido como o ser-aí, ou como o transitar incessante do ser no nada e do nada no ser, ou seja, o devir tido como resultado é o ser-aí.

A mediação, a relação, é o elemento necessário para o surgimento da realidade, pois não basta a ela só o puro em-si do ser ou do nada. Hegel exemplifica assim tal exigência da relação: tomando a luz e as trevas, vemos que uma não pode subsistir sem a outra, pois é inconcebível que na pura luz, sem qualquer sombra, algo possa ser visto, da mesma forma que na pura treva nada veríamos, para algo ser visto precisa-se de luz e treva. Qualquer um tomado somente em si mesmo representa nada mais que o vazio, assim como são ser e nada.

Transitar é a mesma coisa que devir; só que naqueles dois momentos, desde os quais se efetua o trânsito mútuo, são representados mais como repousando um fora do outro, e o transitar se representa como efetuando-se *entre* eles. Agora, onde e como se quer que se fale do ser ou do nada, tem que estar presente este terceiro; pois aqueles não subsistem por si, senão que existem somente no devir, neste terceiro. (HEGEL, 1993, p. 121).

Referências Bibliográficas

- HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica*. 2. v. 6. ed. Tradução de Augusta e Rodolfo Modolfo. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1993.
- _____. *Enciclopédia das ciências filosóficas – a ciência da lógica*. Tradução Paulo Menezes; colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995a.
- _____. *Lectures on the history of philosophy*. 3. v. Tradução de E. S. Haldane. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., LTDA, 1892.
- _____. *Filosofia real*. Tradução de J. Maria Ripalda. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- _____. Como o senso comum compreende a filosofia. Tradução francesa de Jean-Marie Lardic) por Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1995b.
- BORNHEIN, G. A. *Dialética – teoria e práxis – Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética*. 2. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983.
- HÖFFE, O. *Immanuel Kant*. Tradução de Christian Viktor Hamm e Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. 5. ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: FCG, 2001.
- LARDIC, J. M. A contingência em Hegel. In: HEGEL, G.W.F. *Como o senso comum compreende a filosofia*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1995b.
- NOËL, G. *La logique de Hegel*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1933.
- OLIVEIRA, M. A. de. *Para além da fragmentação – Pressupostos e objeções da racionalidade dialética contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. *Sobre a fundamentação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.
- RÖD, W. *Filosofia dialética moderna*. Tradução de Maria Cecília Maringoni de Carvalho e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 1984.
- ROVIGUI, S. V. *História da Filosofia Moderna – Da revolução científica a Hegel*. Tradução de Marcos Bagno e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- TIMMERMANS, B. *Hegel*. Tradução de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. (Coleção Figuras do Saber, v. 12).